

8. SOCIOLOGIA JURÍDICA

A PRODUÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA

MIRIAM CHNAIDERMAN

SUMÁRIO: 1. A violência na psicanálise – 2. O amor ao próximo – 3. No Brasil...

*O trópico tropica
Emaranhado no trambique
A treta frutifica
E tritura todo o pique
A trapaça trina e troa
Extrapolada cada dique
O tratado é intrincado
Destratado é truque chique
O grito atravancado
Tranca até que petrifique*

Itamar Assunção – Do CD
Bicho de 7 cabeças, gravado
e mixado pelo santo do som
Sato San, no estúdio Mahália
entre maio e julho de 93.

Tristes trópicos que tropicam, tropicar pode querer dizer viver os trópicos em sua plenitude ou um trópico que falha, manca, tropeça. O tratado é intrincado ou a treta frutifica no trambique. Tratado, lei própria ou treta do trambique. Mas, destratar é truque chique, conta Itamar Assunção.

O “Caderno Mais” do Jornal *A Folha de São Paulo* de 22.09.1996 foi dedicado ao tema da violência. O jornalista Roberto de Toledo aponta como nos últimos tempos, a violência deixou as seções policiais para ganhar as manchetes da mídia, tanto a impressa como a eletrônica. O jornalista aponta que a reação dos meios de comunicação e da própria população foi desproporcional à evolução da criminalidade. Em abril de 96, segundo o Datafolha, a *transparên-*

cia do mal, ensaios sobre os fenômenos extremos, ed. Papirus).

A maioria dos assassinatos ocorre durante o fim-de-semana e na periferia da cidade. Não por acaso, são distritos onde não há nenhuma opção de lazer como cinemas, teatros e parques. Só bares. Baudrillard, no ensaio acima citado, fala que “essa violência é (...) a forma explosiva que a ausência de acontecimento assume”.

Parece que a violência está ligada à possibilidade, ou não, de lidar simbolicamente com o que nos constitui como seres humanos. Coloca-se a questão de com quais alternativas podemos contar, ou seja, que canais nossa cultura fornece para lidar com a violência. Por exemplo, entre os esquimós de Thulé há um estado de alma que é chamado de *perdlérorpoq* que é a explosão de uma violência extrema. Quem está possuindo pelo *perdlérorpoq* arroja-se, expondo-se ao frio, rasgando suas roupas, correndo sobre as geleiras. Mas nunca atacando o seu meio. Os esquimós inuis falam: “é estar doente da vida”. Há momentos em que a vida tem força demais. Há vários episódios relatados em que missionários querem deter tal estado com brometo, mas são impedidos pelos membros da tribo, que velam para que a crise se desenrole até o fim. É preciso que esta força saia, é preciso que se chegue até o esgotamento sem que se morra, para poder continuar

vivendo. Nathalie Zaltzman – que relata estes dados em *A pulsão anarquista* (Ed. Escuta) – está se referindo ao livro *Os últimos reis de Thulé*, de Jean Malaurie. Os esquimós poderiam, como os lapões, abandonar o mar gelado para criar renas domésticas. Mas, preferem viver como nômades, à beira do Ártico. Para Zaltzman, sua escolha dirige-se à vida e não à morte. Citando: “Onde a ameaça de morte está extraordinariamente presente, o princípio de sobrevivência faz a mais alta lei. (...) Este modo de vida árido, esta provação contínua da resistência humana à morte, que nada nunca vem suspender ou atenuar, que nada permite converter em desesperos românticos, designa uma forma exemplar de experiência-limite”. Jurandir Freire Costa, no ensaio que publicou “À guisa de introdução...” no livro *Violência e Psicanálise* (Graal, 1984) faz uma importante diferenciação entre agressividade e violência: “Violência é o emprego desejado da agressividade com fins destrutivos”. Lembra Bettelheim que em *Feridas simbólicas* (Lisboa, Moraes Ed., 1979), ao estudar rituais que seriam terríveis aos nossos olhos, tais como a circuncisão, a castração ritual, entre outras, aponta que assim como, em nossos dias, as mulheres jamais diriam que uma operação plástica é violenta, “nada do que as pessoas dizem ou fazem nos permite concluir que experimentam estes rituais como cruéis...” Os rituais asseguram a posse de predicados socialmente valorizados pela cultura.

A questão, que N. Zaltzman procura mostrar, é que a violência muitas vezes pode acontecer no sentido de fortalecer a vida, podendo ser posta a serviço da preservação da comunidade e da vida cultural e não do desejo de matar ou fazer sofrer o semelhante.

Vivemos em um mundo que, embora aconteça em meio a telas de computador Internet, ultrassônicos, ciber-sexo, repe-

te, em diferentes modos, as experiências-limite dos esquimós. A competição acirrada, a crise das ideologias, a miséria crescente, o vazio político, leva à busca de experiências-limite para que nos certifiquemos da vida.

1. A violência na psicanálise

Vários psicanalistas afirmam que a violência é inerente ao ser humano. Claro que isso vem de Freud que, como pesquisador dos porões do psiquismo humano, defrontou-se com o que há de destrutivo e agressivo nos desejos recônditos.

É possível traçar um roteiro dos textos onde Freud foi se detendo na questão da destrutividade humana. (Sigo aqui o roteiro que Jurandir Freire Costa propõe no ensaio supracitado). Em 1915, publicou *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, no qual procura mostrar que o homem, sem a ação da civilização, é instintivamente destrutivo. Em 1920 publicou *Além do princípio do prazer*, onde formula a noção de pulsão de morte, reordenando a divisão pulsional trabalhada até aquele momento.

Toda a teoria psicanalítica foi estruturada por Freud tendo como base o conflito entre as pulsões. Pulsão é um termo que vem sendo traduzido para o português como “instinto”, o que está errado, pois em alemão *trieb* é diferente de *instinct*. O instinto tem a ver com o que é herdado geneticamente, com padrões fixos de comportamento. A pulsão é plástica, tem a ver com a possibilidade do lúdico, com a libertação da necessidade. Nos seus primeiros trabalhos, quando estudava as famosas históricas, Freud pensou em dois tipos de pulsão que estariam sempre em conflito: as pulsões de conservação, egóicas e as sexuais. Os sintomas seriam produzidos pelo conflito entre estas duas pulsões. Em 1920, estas duas

pulsões pareciam não dar conta de vários fenômenos psíquicos e Freud passou a pensar o conflito entre pulsão de morte e pulsão de vida. Eros quer unificar, ligar. Thanatos é desagregador. A pulsão de morte não tem representação psíquica.

Em *O malestar na civilização*, escrito entre 1929 e 1930 Freud indaga-se sobre o sentido da vida, seu objetivo. O que querem alcançar os seres humanos? Querem conseguir a felicidade, querem a ausência de dor e de desprazer; buscam intensos sentimentos de prazer. É o programa do princípio do prazer que fixa seu fim para a vida. Mas, é um programa fadado a fracassar, “dir-se-ia que o propósito de que o homem seja feliz não está contido no plano da criação”. Conclui: “... o problema consiste em descartar o maior obstáculo encontrado pela civilização, qual seja, a agressividade constitucional de um ser humano contra o outro...” Freud insiste: “A questão do destino da espécie humana parece-me colocar-se da seguinte maneira: o progresso da civilização poderá, e em que medida, dominar as perturbações trazidas à vida em comum pelas pulsões humanas de agressão e de auto-destruição?”

Nesse texto, Freud aponta três fontes de sofrimento: o próprio corpo, destinado à ruína e à dissolução, não podendo prescindir da dor e da angústia como sinais de alarmes; o mundo exterior, que pode abater sua fúria sobre nós com forças hiperotentes, desapiedadas. E, por fim, os vínculos com outros seres humanos. Esta última fonte de sentimento é sentida como mais dolorosa que qualquer outra. A fonte de sofrimento que é social deixa Freud perplexo: não pode entender a razão pela qual as normas que nós mesmos criamos não cumpririam melhor o papel de nos proteger. Freud suspeita de um bloqueio que viria da natureza psíquica. A cultura, impondo

limitações à agressividade, faz com que haja privações que levam à infelicidade: “seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e voltássemos a nos encontrar em condições primitivas”. Freud utiliza a palavra cultura para designar a soma de operações e normas que distanciam o ser humano de seus antepassados animais e que servem para dois fins: a proteção do ser humano diante da natureza e a regulação dos vínculos recíprocos entre os homens.

A substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade é o passo cultural decisivo. A cultura, para sobreviver, pede que haja justiça, ou seja, a segurança de que a ordem jurídica já estabelecida não se quebrará para favorecer um indivíduo. O resultado último deve ser um direito ao qual todos – ao menos todos os capazes de vida comunitária – tenham contribuído com o sacrifício de suas pulsões e no qual ninguém possa resultar vítima da violência bruta. A liberdade individual não é um patrimônio da cultura. Através do desenvolvimento cultural experimenta limitações e a justiça exige que ninguém escape a elas. Mas, para Freud, o ser humano defenderá sempre sua demanda de liberdade individual, contra a vontade de massa.

Em 1932, em *Por que a guerra?* – carta que escreveu a Einstein que lhe proporia a questão: “que fazer para proteger a humanidade da maldição da guerra?” – Freud constata que a psicanálise nada pode fazer para evitar a guerra. E, faz uma equivalência entre poder e violência. Afirma, dirigindo-se a seu interlocutor: “O senhor começou com a relação entre direito e poder (...) mas permita-me substituir a palavra poder pela palavra nua e crua ‘violência’. Atualmente, direito e violência se nos afiguram como antítese. No entanto, é fácil mostrar que uma se desenvolveu da outra. Na passagem do uso da força ao primado da lei, a violência não desaparece, ape-

nas muda a sua face e transforma-se em violência legal: ainda é violência, pronta a voltar-se contra qualquer indivíduo que se lhe oponha..." Para a manutenção da lei, foi necessário que a união da maioria fosse estável e duradoura.

Jurandir mostra como o pensamento que identifica poder e violência é o mesmo que coloca a violência como o fato fundamental da cultura. A psicanálise só pôde concluir que a violência é o solo da humanização por ter confundido poder e violência. Jurandir é peremptório: "... nos revoltamos contra a violência porque sabemos que *nada que o homem fez e que o torna humano nasceu da violência e sim contra ela*". As instituições políticas não vivem da violência, mas do reconhecimento, afirma Jurandir, citando Jürgen Habermas.

2. O amor ao próximo

No caderno "Mais" dedicado ao tema da violência, (acima citado), Jurandir Freire Costa afirma que muito da violência que vivemos hoje estaria ligada ao "desinvestimento cultural na idéia do 'próximo'". História a noção de "próximo" e relata que este fato cultural surgiu com o cristianismo, prosseguiu no Renascimento, ganhou realidade político-jurídica nas Revoluções Americana e Francesa e continuou presente nos projetos liberal-democrático e socialista dos séculos 19 e 20.

Jurandir conta que o "amai-vos uns aos outros" foi imposto "pela força das armas, pelas fogueiras da inquisição, pela perseguição dos inimigos políticos..." As revoluções democrático-burguesas só puderam acontecer porque "grande parte das elites ocidentais estava preparada para tomar como natural e desejável a idéia de que todos fôssemos livres, iguais e fraternos". Citando Jurandir: "O respeito pela vida e a certeza

de que o outro é um parceiro virtual na realização de nossas aspirações afetivas ou na construção de uma sociedade mais justa, tornaram-se premissas práticas, inconscientes e pré-reflexivas de nossas crenças morais".

Freud também se indaga sobre "amarras o teu próximo como a ti mesmo" em *O malestar na civilização*. Também, como Jurandir, mostra que esse preceito era desconhecido pelos seres humanos em eras históricas. Sugere que adotemos diante dele uma atitude ingênua: Por que deveríamos fazer isso? Prá quê? Como realizar isso? Se amo alguém, este alguém deve merecê-lo, de algum modo. Mas se é um estranho e não me atrai por qualquer valor seu, será difícil amá-lo. Seria injusto para com os meus, raciocina Freud. Por que então se dá tanta solenidade a um preceito cujo cumprimento não pode recomendar-se como racional? Freud acha que um estranho atrai muito mais a hostilidade. Mas, se sendo um estranho, mostra consideração e respeito por mim, eu estou disposto, sem precisar de qualquer preceito, a retribuir na mesma moeda. Freud reformula o mandamento: "Ama teu próximo como teu próximo te ama". Mas, aí, a moral vigente aponta: "Justamente porque o próximo não é digno de amor, e sim teu inimigo, deve amá-lo como a ti mesmo".

Freud vai mostrando como o ser humano não é um ser manso, amável, apenas capaz de se defender se o atacam. Autoriza-se a atribuir à sua dotação pulsional uma boa quota de agressividade. Sob circunstâncias propícias, quando estão ausentes as forças anímicas contrárias que costumam inibi-la, exterioriza-se também espontaneamente, desmascarando os seres humanos como bestas selvagens que nem sequer respeitam os membros de sua própria espécie. Haja vista a última guerra assim como tantas outras.

Com base nessa hostilidade primária e recíproca dos seres humanos, a sociedade culta se encontra sob uma ameaça permanente de dissolução. As paixões que vêm do pulsional são mais fortes que os interesses racionais. A cultura tem que colocar limites para as pulsões agressivas dos seres humanos. Daí o recurso a métodos destinados a impulsioná-los para identificações e vínculos amorosos de meta inibida; daí a limitação da vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo. A existência desse preceito só se justifica pelo fato de que nada contraria mais a natureza humana originária.

Uma vez que a cultura impõe tantos sacrifícios tanto à sexualidade como à tendência agressiva do ser humano, passamos a poder explicar porque os homens se sentem infelizes.

Winnicott, importante psicanalista inglês que trabalhou muito a questão da delinquência, fala em uma agressão primária. Sugere que é preciso evitar o sentimentalismo que contém qualquer negação, mesmo que inconsciente, da destrutividade que subjaz a qualquer construção. Nenhuma manifestação de amor é sentida como valiosa se não implicar agressão reconhecida e controlada. São as primeiras pancadas infantis que levam a uma descoberta do mundo que não é o eu da criança e ao começo de uma relação com objetos externos. O que logo será comportamento agressivo não passa, portanto, no início, de um simples impulso que leva a um movimento e aos primeiros passos de uma exploração. A agressão está sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento de uma distinção entre o eu e o mundo exterior.

Jurandir Freire Costa, no ensaio "Violência e Identidade" incluído no volume *Violência e Psicanálise* (supracitado) afirma que violência pressupõe a existência de um uso arbitrário e gratuito da

força por parte do mais poderoso contra o mais fraco: "violência é, antes de tudo, abuso de força, abuso de poder". Violência é algo diferente de impulsos agressivos. Freud muitas vezes confundiu. Seus seguidores, mais ainda. A violência é um fato da cultura e só existe em relação a uma lei.

3. No Brasil...

Contardo Calligaris, articulista da *Folha de São Paulo*, psicanalista que já viveu no Brasil e agora está em Nova Iorque, no seu livro *Hello Brazil* (Ed. Escuta), procura mostrar que, historicamente, é precária a instalação da Lei em nosso país. Haveria um arremedo de lei que legitima a exploração voraz, com exibição de poder, uma ávida procura de oportunidades para gozar acima de qualquer limitação. As condições nas quais o Brasil foi descoberto e explorado levou a uma ausência de um pai interditor.

Otávio Souza, psicanalista carioca, em seu livro *Fantasia de Brasil* (Ed. Escuta) mostra como foi a utopia européia de um paraíso terrestre que presidiu "nosso ato de batismo", o que leva a uma procura de fruição imediata, uma busca de gozo imediato. Daí uma colonização essencialmente extrativista, restrita por longo período apenas ao litoral, o que fazia pensar em uma concepção de colônia como lugar de passagem. Segundo Otávio Souza, "foi particularmente aqui no Brasil que o fator erótico alcançou predomínio maior". Como aqui não havia, como na região andina, a possibilidade do maravilhoso sob a forma de ouro, prata e pedras preciosas, foi necessário encontrar outras "representações mitificantes". "A nudez é a exuberância da vida sexual do índio..." (p. 110). O que Otávio Souza propõe é "adotar a visão do paraíso do descobridor europeu para nos olharmos a nós mesmos". A partir desse princípio Otávio Souza faz uso dos

textos de Freud para mostrar a proximidade entre exotismo e racismo. Afirma: "o exotismo como uma maneira de neutralizar, através da estetização, a eficácia política de um povo".

Tanto Contardo Calligaris quanto Otávio Souza mostram como o Brasil vai ocupando um lugar perverso, delinquente, em que a estrangeiridade passa a ser colonizadora ou colonizada.

Em artigo publicado no "Mais", "A praga escravagista", Contardo Calligaris indaga-se: de qual miséria e de qual violência se trata no Brasil? Continua com sua leitura em termos de colonizados e colonizadores, pois atribui muito do que hoje vivemos ao fato de que o Brasil tenha sido, e talvez ainda seja, o maior sistema escravagista do mundo ocidental. Isso leva a que, na relação entre as classes médias e as classes menos favorecidas, o poder ainda seja poder sobre os corpos, construído no modelo da escravatura. A questão do poder, na relação entre pobres e ricos no Brasil, é antes de mais nada uma questão de posse dos corpos. A violência ocorre contra os corpos.

A questão da lei no Brasil é colocada de forma original por Luis Cláudio Figueiredo em ensaio publicado no *Boletim de Novidades Pulsional* (ano IX, n. 90), "A lei é dura, mas..." (para uma clínica do legalismo e da transgressão). Luis Cláudio parte de uma indagação sobre o que será que move os alunos de Direito, tão recatados e tradicionais, a institucionalizarem um dia da grande infração, o "dia da pendura". Observa: "... em nenhum dos outros cursos observa-se tanto esmero nas aparências dos alunos e tanto empenho em atos transgressivos". Historiando o surgimento dos

curso de Direito, Luis Cláudio mostra que esta duplicidade do comportamento, no séc. XIX correspondia uma dupla vinculação à modernidade: "ao Iluminismo doutrinário dos nossos doutores em leis vinha-se somar e a se contrapor o fascínio pelos valores e pelas poses transgressivas do romantismo" (Byron).

Citando Faoro, Luis Cláudio mostra como no Brasil a lei sempre foi vista como algo que tem de criar a realidade, ao invés de ser apenas sua reguladora, o que é uma visão que tem origem no Estado patrimonialista, levando a um "jurismo" artificioso e esteticista, divorciado das condições sociais e econômicas subjacentes. Surge uma idéia de nação que é fictícia: as leis precedem as realidades a serem reguladas. A idéia de "Nação" passa a ser uma maquiagem de conflitos.

A idéia de "Nação Brasileira" torna-se disponível para servir como resposta ao mandato de exotismo: era obrigatório que fôssemos uma nação fictícia para que nossa "identidade nacional" nos colocasse no lugar do diferente.

Para Luis Cláudio, haveria uma impropriedade que constituiria nosso modo de ser. E, nas subjetividades marcadas pela impropriedade, o ornamental e o retórico são constitutivos. A transgressão surge então como uma forma de se reapropriar da impropriedade, busca de uma existência mais verdadeira. É na transgressão que se engendram novos padrões de sociabilidade, "novas possibilidades existenciais".

Parece que no Brasil somos obrigados a nos inventar permanentemente. O que pode nos trazer autonomia ou dor. Que nossas contradições nos levem em direção à vida, é o que podemos esperar.